

Gritos do Silêncio: A Violência Psicológica no Casal

Patrícia Manozzo Colossi
Denise Falcke

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, RS, Brasil

RESUMO

Considerando a dinâmica conjugal estabelecida nos contextos de violência psicológica, o presente estudo investigou o modo como estas conjugalidades se estabelecem e se perpetuam. Realizou-se uma investigação qualitativa, através de estudo de casos com três casais heterossexuais, residentes no Rio Grande do Sul, escolhidos por conveniência e submetidos ao CTS2, com identificação de violência psicológica e excluída a identificação da violência física ou sexual. Os instrumentos utilizados foram a entrevista semiestruturada com o casal, entrevista para a resolução de dilemas, genograma familiar e entrevista individual. A análise dos dados baseou-se na compreensão dinâmica dos casos, através da síntese de casos cruzados, baseada na teoria familiar sistêmica. As relações conjugais revelaram-se marcadas por intenso conflito, comunicação inadequada e baixa expressão da afetividade. Os resultados reforçam a importância de tratar a relação conjugal em seus aspectos estruturantes e relacionais, visando extinguir a violência psicológica como expressão relacional dos cônjuges.

Palavras-chave: Violência psicológica; Teoria sistêmica da família; Relação conjugal; Violência conjugal.

ABSTRACT

Screams of Silence: Psychological Violence in the Couple

Considering the marital dynamics that takes place in contexts of psychological violence, in this study, it was investigated how these marital relations are established and perpetuated. A qualitative research was undertaken through a case study of three heterosexual couples, living in Rio Grande do Sul, chosen by convenience and submitted to the CTS2, including the identification of psychological violence and excluding the identification of physical or sexual violence. The instruments used were a semi-structured interview with the couple, an interview to solve dilemmas, the family genogram and an individual interview. Data analysis was based on the dynamic understanding of the cases, through the synthesis of cross-cases, based on the family systems theory. It was concluded that marital relations were marked by intense conflict, poor communication and low expression of affect. This study points to the importance of treating the marital relationship in its structural and relational aspects, as a way to rearrange the dynamics of marriage, aiming to extinguish psychological violence as an expression of the marital relationship.

Keywords: Psychological violence; Family systems theory; Marital relationship; Marital violence.

RESUMEN

Los Gritos del Silencio: La Violencia Psicológica en la Pareja

Teniendo en cuenta que la dinámica casadas establecido en el contexto de la violencia psicológica, este estudio investigó la manera como las conjugalidades se establecen y perpetúan. Llevado a cabo una investigación cualitativa, con tres parejas, heterossexuales, en Rio Grande do Sul elegida por conveniencia y presentado a la CTS2, se ha identificado la presencia de factores psicológicos y excluidos a la identificación de la violencia física o sexual. Los instrumentos utilizados fueron la entrevista semiestruturada con la pareja, entrevista para resolución de los dilemas, genograma y entrevistas individuales. Los datos se basan en la comprensión de la dinámica de los casos, por la síntesis de casos cruzados, sobre la base de la teoría familiar sistêmica. La relación conyugal se revela marcada por un intenso conflicto, la falta de comunicación y la baja expresión de afecto. Estos resultados refuerzan la importancia de tratar la relación matrimonial en sus aspectos estructurales y relacionales con el fin de extinguir la expresión psicológica y relacional de los cónyuges.

Palabras clave: Violencia psicológica; Teoría de sistemas familiares; Relación marital; Violencia conyugal.

INTRODUÇÃO

A violência entre cônjuges ganhou evidência a partir da década de 70, com a ampliação dos movimentos feministas, responsáveis por descortinar o fenômeno, até então restrito à esfera doméstica. Ao redor do mundo, uma em cada três mulheres é vítima de algum tipo de violência durante a sua vida (Day et al., 2003; Paiva e Figueiredo, 2004; Rosa, Boing, Büchele, Oliveira e Coelho 2008). No Brasil, estima-se que cerca de 30% das mulheres vivenciam algum tipo de violência por parte de seus companheiros (Lamoglia e Minayo, 2009; Miranda, Paula e Bordin, 2010; Vieira, Perdoná e Santos, 2011). Contudo, os dados referidos apontam à parte perceptível do fenômeno, à violência física e, predominantemente, do homem contra a mulher, o que parece ser a ponta do iceberg de um contexto profundo e complexo. Alvim e Souza (2005a) relatam que as brigas conjugais apenas são identificadas após a ocorrência da violência física, ao passo que a violência que não envolve dano físico permanece obscura nas pesquisas científicas.

A dificuldade no trato do assunto parte da própria definição conceitual, que se mostra inespecífica ou carente da real dimensão fenomenológica. Hirigoyen (2006) define a violência psicológica como “uma série de atitudes e de expressões que visam a aviltar ou negar a maneira de ser de uma outra pessoa” (p. 28). Trindade (2005) destaca a sutileza desta expressão de violência, expressa através da desqualificação, da indiferença e/ou da humilhação, produzindo sofrimentos comparáveis aos da violência física.

Hirigoyen (2006) categoriza a violência psicológica em formas distintas de expressão: (1) controle; (2) isolamento; (3) ciúme patológico; (4) assédio; (5) aviltamento; (6) humilhação; (7) intimidação; (8) indiferença às demandas afetivas (9) ameaças. Mesmo sem a presença do ato amedrontador, através das ameaças existe “possibilidade de”, já que “a antecipação de um golpe pode fazer tanto mal ao psiquismo quanto o golpe realmente dado, que é reforçado pela incerteza em que a pessoa é mantida, sob a realidade da ameaça” (Hirigoyen, 2006, p. 41).

Entre outros fatores, Guimarães, Maciel e Silva (2007) referem a violência psicológica como uma substituição ao diálogo, tentando comunicar algo que a verbalização não dá conta. Pesquisas acerca da violência física apontam predominantemente o homem como agressor (Dantas-Berger e Giffin, 2005; Trindade, Almeida e Rozendo, 2008; Martínez e Marín, 2009; Tichy, Becker e Sisco, 2009; Lira e Méndez, 2008), ao passo que Dantas-Berger e Giffin (2005) consideram a violência psicológica como um fenômeno de maior trânsito entre os sexos, que ocorre pela inadequação do processo comunicacional.

O mapa conceitual apresentado a seguir, conforme Figura 1, revela duas concepções teóricas amplamente utilizadas para a compreensão do fenômeno da violência conjugal. Se, por um lado, a perspectiva feminista enfoca a violência dos casais como uma violência de gênero contra a mulher, por outro, a perspectiva sistêmica enfoca a conjugalidade violenta, considerando os aspectos relacionais. Embora impliquem em compreensões distintas acerca do fenômeno, assim como em abordagens diferenciadas de intervenção para situações semelhantes, não se tratam de concepções dicotimizadas ou concorrentes, já que os estudos sistêmicos buscam um enfoque relacional para o fenômeno já abordado pelos estudos feministas existentes.

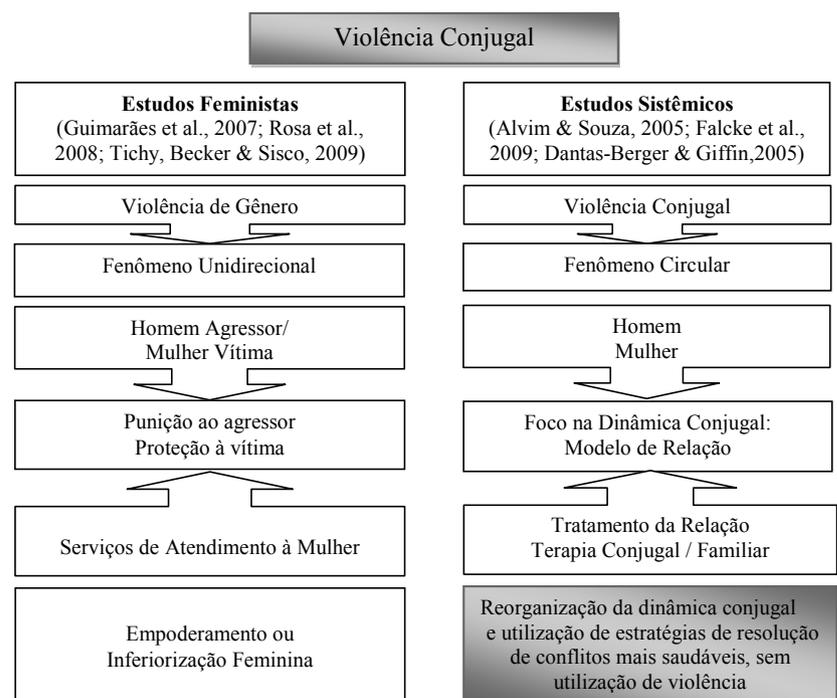


Figura 1. Quadro Comparativo dos Modelos Teóricos

A perspectiva feminista valoriza a proteção à mulher agredida, apontando a violência conjugal como uma violência de gênero. A compreensão da relação violenta é unilateral, em que o homem é o agressor, que deve ser punido; e a mulher, vítima, que precisa ser protegida. Nessa concepção, as intervenções se voltam ao empoderamento feminino, através dos serviços de proteção à mulher, sendo ela percebida como coadjuvante do processo violento, marcado pelo protagonismo masculino, ao qual ela se submete ou reage (Guimarães et al., 2007; Rosa et al., 2008; Tichy, Becker e Sisco, 2009). Em contrapartida, a perspectiva sistêmica, sem desconsiderar o contexto cultural de uma sociedade patriarcal que demarca papéis esperados para homens e mulheres, prejudicial a ambos, focaliza as interações conjugais, considerando-a uma manifestação de uma dinâmica conjugal específica. Propõe a compreensão da violência conjugal como expressão da conjugalidade, em que homem e mulher participam, como co-autores, em alguma medida, do estabelecimento do fenômeno violento. A ideia não é culpabilizar as vítimas, mas compreender os múltiplos papéis que homens e mulheres desempenham em seus relacionamentos. Deste modo, o foco de compreensão e intervenção se dá nas interações, através de propostas terapêuticas conjugais, buscando a modificação dos padrões relacionais. Assim, espera-se que o comportamento violento ceda espaço a uma nova realidade relacional e ao desenvolvimento de estratégias de resolução de conflitos mais saudáveis (Alvim e Souza, 2005b; Falcke, Oliveira, Rosa e Bentancur, 2009; Dantas-Berger e Giffin, 2005).

Nessa direção, identificar a dinâmica da violência psicológica no casal permite a compreensão do estabelecimento e perpetuação deste modelo relacional. Com relação à transmissão transgeracional da violência conjugal, Falcke, Wagner e Mosmann (2005) referem que os membros do casal expressam um papel relevante na manutenção das histórias vivenciadas em suas famílias de origem, já que no novo casal estão implicados os aprendizados familiares, modelos parentais, experiências e variações dos padrões de comportamentos aprendidos.

A partir disso, o presente trabalho teve como objetivo compreender a dinâmica conjugal em contextos psicologicamente violentos. Mais especificamente, conhecer a história do relacionamento do casal, os aspectos transgeracionais, as estratégias de resolução de conflitos, os padrões de comunicação e a estrutura dos casais inseridos nesses contextos.

MÉTODOS

O presente estudo teve caráter qualitativo, com delineamento de estudos de casos múltiplos (Yin, 2005).

Participantes

Participaram do estudo três casais, heterossexuais, casados e residentes no estado do Rio Grande do Sul. Foram escolhidos pelo critério de conveniência, por terem buscado atendimento na clínica de atendimento psicológico na qual trabalha a pesquisadora.

Instrumentos

Revised conflict tactics scale (CTS-2): instrumento que se propõe a investigar, de modo relacional, ações do respondente e seu cônjuge quanto a comportamentos violentos, nas dimensões de: coerção sexual, violência física, injúria, negociação e agressão psicológica. Apresentado num modelo checklist, o respondente assinala as respostas conforme a frequência das situações apontadas (Hasselmann, Moraes e Reichenheim, 2002).

Entrevista semiestruturada com o casal: com objetivo de obter dados da história conjugal, observar os padrões de interação, além do conteúdo verbalmente manifesto.

Entrevista para a resolução de dilemas: apresentação de dilemas, para que o casal resolvesse, colocando-os em situação de possível tensão, a fim de observar seus modos de resolução de conflitos diante de situações potencialmente geradoras de conflito e conhecer sua capacidade de negociação.

Genograma familiar: Conforme McGoldrick e Gerson (2001), ele representa o mapeamento gráfico da “história e do padrão familiar, mostrando a estrutura básica, a demografia, o funcionamento e os relacionamentos da família” (p. 145).

Entrevista individual com os cônjuges: espaço de livre escuta para os cônjuges em separado, considerando a possibilidade de alguma informação ter sido suprimida por intimidação, receio ou alguma forma de constrangimento pela presença do cônjuge.

Procedimentos de coleta e análise dos dados

Após terem sido submetidos ao protocolo de análise de violência conjugal (*CTS-2-Revised Conflict Tactics Scale*, adaptado ao contexto brasileiro em 2002, por Moraes, Hasselmann e Reichenheim), identificada violência psicológica e excluída violência física e/ou coerção sexual, os casais foram convidados a participar do estudo. Foi fornecido um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com a descrição do estudo conforme aprovado no Comitê de Ética (CEP 11/010). Após assinaturas, foram realizadas as entrevistas com duração aproximada de uma hora, em três oportunidades diferentes e em semanas subsequentes. A análise dos dados se deu qualitativamente, baseada na compreensão dinâmica dos casos, numa perspectiva sistêmica da dinâmica conjugal, através da síntese de casos cruzados (Yin, 2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CASAL 1 – César e Rosa

César tem 58 anos e é casado com Rosa, 60 anos, há 33. Ele é alcoolista em abstinência há cerca de 15 anos, após período de 18 anos de alcoolismo ativo. O casal tem dois filhos, 30 e 28 anos. O mais velho é solteiro, reside com os pais e o mais novo é casado, tem um filho e vive em casa contígua à casa paterna. César tem formação secundária e é microempresário. Rosa é professora aposentada e trabalha com promoção de eventos.

Rosa refere ter “passado por poucas e boas” ao longo do casamento em decorrência do alcoolismo do marido e da responsabilidade de criar os filhos, segundo ela, sozinha. Segundo César, sua abstinência deve-se à frequência ao grupo de autoajuda, tendo se tornado uma pessoa de destaque dentro da instituição, atuando na coordenação de grupos, quase todos os dias da semana. Embora Rosa considere importante a frequência do marido ao AA, se diz “sozinha desde sempre”, revelando faces do que sente como abandono, interpretado como expressão de violência psicológica, na qual César parece não valorizar as demandas afetivas da esposa (Hirigoyen, 2006). Rosa diz que “mulher de bêbado é assim... sozinha desde sempre, primeiro, porque ele está bebendo, depois porque está se tratando e depois porque está na coordenação dos grupos”. Quando o marido retorna, recebe a hostilidade da esposa revelando um padrão comunicacional confuso (Féres-Carneiro, 2005) já que ela “utiliza um estilo obscuro de comunicação, dificultando o entendimento das mensagens a ele transmitidas” (p. 26). Ainda que Rosa tente mostrar seu desagrado, tem dificuldade de tratar diretamente do assunto, acreditando que o marido “tem que saber” o modo como ela se sente. Quanto mais ela hostiliza e se distancia de César, mais ele se compromete com os grupos de autoajuda. Assim, ambos contribuem para a manutenção do distanciamento conjugal, como uma forma de expressar as frustrações vivenciadas na conjugalidade (Costa e Santos, 2004). Nesse sentido, revelam o afastamento (Kurdek, 1994) como estilo de resolução de conflitos adotado. A recusa em discutir e buscar a solução do conflito é alternada por situações de envolvimento no conflito, em que ataques pessoais e perda de controle se tornam a escolha de resolução das divergências vivenciadas na conjugalidade (Kurdek, 1994).

Rosa lembra com mágoa as tantas vezes em que ouviu do marido: “Tu és uma mulher de merda!”, referindo a humilhação e o aviltamento sofridos (Hirigoyen, 2006). Ao longo do tempo, acredita que levou as ofensas do marido a sério a ponto de julgar-se efetivamente uma pessoa sem valor, com “uma autoestima inexistente”,

confirmando o que Trindade (2005) ressaltava como o aniquilamento da autoestima. Ao mesmo tempo, César refere os palavrões que ouve na contrapartida da relação. Sente o que Hirigoyen (2006) aponta como humilhação e aviltamento: “Eu fui um lixo de marido, mas ela ainda me agride, me chamando de bêbado. Péra lá, são 15 anos que eu estou sem beber... Eu sou um homem doente, mas eu não sou mais um bêbado!”.

O casal identifica a agressividade no trato com o outro como um modelo a ser seguido, perpetuando um padrão transgeracional de comportamento violento (Ansen e Tomson, 1997). César refere a conflitiva conjugal como uma experiência presente em todos os casais da família. Os dados do genograma identificaram presença de alcoolismo em gerações anteriores, o que parece ter favorecido, entre outros fatores, o aprendizado da violência conjugal (Crepaldi e Wendt, 2008; McGoldrick e Gerson, 2001). César assinala que embora não faça mais uso do álcool, o que parecia intensificar a violência (Ortega-Ceballos, Mudgal, Flores, Rivera-Rivera, Díaz-Montiel e Salmerón, 2007), segue exercitando ofensa, humilhação e indiferença às demandas afetivas da esposa, que aprendeu na família de origem. Rosa, por sua vez, revela os palavrões e a falta de sensibilidade com o cônjuge como um modo de tratamento vivenciado desde a geração de sua avó. Cada qual a seu modo, aprendeu que o casamento é uma relação marcada por discursos agressivos e violentos, revelando a tendência à repetição dos padrões (Mendlowicz e Figueira, 2007; Paradis, Reinherz, Giaconia, Beardslee, Ward e Fitzmaurice, 2009). Rosa acredita que a família de origem lhe ensinou a colocar “panos quentes”, tentando minimizar ou encerrar discussões e conflitos. Em contrapartida, sabe que o fato de não verbalizar seus desagrados, não faz com que eles não existam e que, cedo ou tarde, emergem, de alguma forma (Guimarães, Maciel e Silva, 2007; Costa e Santos, 2004). “Seja numa cara fechada, numa briga, num palavrão, numa atitude de desrespeito, de ofensa”. Ao mesmo tempo em que despreza a possibilidade de negociação dos conflitos conjugais, precisa externar de algum modo o que lhe desagradava. A expressão, pela via da violência psicológica é, muitas vezes, o recurso de eleição adotado por ela.

O casal percebe a grande dificuldade de revelar suas insatisfações e que o modo que conseguem expressá-las se dá pelas atitudes que visam magoar o outro. Rosa refere o desinteresse com possíveis atitudes do marido. De modo especial, quando César se faz muito presente nas reuniões do AA, deixando a esposa “abandonada”, isso lhe desperta hostilidade e rejeição sexual: “Se ele não tá nem aí pra mim, porque eu tenho que me preocupar com ele? Se ele quer sexo... Eu não me importo mesmo, eu quero é que ele se dane!”

revelando a indiferença às demandas afetivas do marido como expressão psicologicamente violenta (Hirigoyen, 2006). Ainda assim, refere, entre lágrimas, que nesses momentos, se sente a “mulher de merda” conforme a definição dada a ela pelo marido.

O casal refere que, às vezes, os descontentamentos são menos manifestos, mas não menos sentidos. A experiência de silenciar diante dos desacordos mostra-se intensificadora do estabelecimento de violência psicológica, já que as agressões acabam se constituindo em uma forma de expressarem suas dores. Segundo Walsh (2005), a evitação do conflito é disfuncional ao longo do tempo, aumentando o risco de insatisfação conjugal e divórcio; estando relacionada, em alguma medida, à expressão bidirecional da violência psicológica, que levou o casal à busca de atendimento (Panuzio e DiLillo, 2010).

César expressa algumas tentativas de aproximação e afetividade, percebidos pela esposa com descrédito. Acorda cedo e prepara o café da manhã para a esposa, ao que ela reclama: “Ele tá careca de saber que eu não gosto de margarina! Faz 30 anos que o cara vive comigo e não me conhece? Acho até que faz de propósito!”. Rosa considera o marido como o “rei da casa”, e que sua participação é relativa nas decisões, já que no final, a decisão é sempre do marido. César, por sua vez, defende suas tomadas de decisões atreladas ao distanciamento de Rosa dos assuntos conjugais. Com isso, o casal percebe o comportamento de um reforçando o do outro e a relação que se estabelece com a co-autoria dos dois, necessitando do abandono do comportamento acusatório de ambos em relação ao cônjuge.

Dados apontados na entrevista para resolução de dilemas revelaram a dificuldade de negociação dos conflitos, como um recorte da realidade vivenciada na vida cotidiana. As respostas dadas corroboraram a dificuldade de expressão das frustrações da vida conjugal, sugerindo um comportamento de pouca expressividade (Féres-Carneiro, 2005). O tom de voz, o descaso com o outro, a ideia preconcebida de que um acordo não é possível ficam evidentes na forma como o casal denuncia o alto nível de conflito e a violência psicológica.

O caso apresentado reflete a presença de violência psicológica em diferentes situações e com amplo trânsito entre os cônjuges, o que reforça a perspectiva de Dantas-Berger e Giffin (2005), que apontam a mesma como um fenômeno altamente recíproco. Nesse sentido, Panuzio e DiLillo (2010) referem a violência bi-direcional como preditor de maior insatisfação conjugal, quando comparada à violência de um ou de outro cônjuge.

CASAL 2 – Ana e Léo

Ana, 31 anos, e Léo, 38, se conheceram no ambiente profissional onde deram início ao relacionamento.

Logo nos primeiros meses, Léo foi convocado em um concurso público indo trabalhar em outra instituição. Ana apaixonou-se pela “aparência forte” de Léo, que mostrava-se decidido e destemido. Léo interessou-se pela beleza e delicadeza de Ana. Com poucas semanas de relacionamento, decidiram viver juntos. Ana descreve Léo como um homem “forte”, o que, por vezes, a faz sentir-se intimidada, não conseguindo expressar o que pensa ou sente. Léo refere não entender o receio da companheira, já que “sempre permite que ela expresse seus sentimentos”. Vivem em união estável há oito anos e, desde então, vivenciam situação de intensa conflitiva conjugal. Ana tem histórico de depressão, tendo tido dois episódios importantes desde seus 22 anos. Há cerca de cinco anos, refere estar estável, mas sempre precisando “lutar contra a maré”, já que a cada grande briga com Léo, “fica mal por semanas”.

Os dados do genograma apontam as lembranças que Ana tem do pai como um homem afetivamente distante e a relação conflituosa dos pais durante sua infância, chegando a ocorrer um episódio de agressão física entre o pai e a mãe. Emociona-se quando relata ter sentido medo e raiva do pai, refugiando-se atrás de um sofá.

Léo é um homem de fala forte e, por vezes, agressiva. Descreve a mãe como uma mulher “muito difícil”, e recorda do que chama de “surto da mãe”, referindo a agressividade e a conduta de violência verbal. O pai fora um “homem pacato, até demais. Deus me livre ser um homem assim com a Ana”. Léo tem o nome composto pelos nomes do pai e do avô paterno, parecendo representar, de algum modo, o legado familiar com relação às vivências conjugais conflitivas.

Ana, inicialmente, falava pouco, olhando para Léo, como se pedisse sua autorização para expressar-se, revelando faces do que ela chama de “receio”, mas que pode ser descrito como expressão da violência psicológica sob a forma de intimidação (Hirigoyen, 2006). Ana refere grande dificuldade conjugal, já que “o Léo encrenca com o meu pai, com a minha mãe. Não gosta de ir nos meus parentes e eu acabo me isolando... Eu vou muito menos do que eu gostaria e do que eu acho que deveria”, revelando outra expressão da violência (Hirigoyen, 2006). Nas situações de crise familiar, Léo referiu com ênfase: “Viste, Ana? Só temos a nós dois. Aquilo que tu chama de ‘família’ e ‘amigos’ não se importa, não se envolve. É a mim que tu tens que dar valor! Presta atenção, viu?”, revelando tentativas de isolamento de Ana com relação à sua família e aos amigos (Hirigoyen, 2006).

O casal identifica o alto nível de conflito que parece ter aumentado gradativamente com o passar dos anos de convivência. Ana refere que os dois se gostam e querem ficar juntos, mas que a convivência é difícil, pois sente

que tudo tem de ser sempre como Léo quer, e ela, por sua vez, tem dificuldade de se posicionar e expressar seus desejos e sentimentos. “Ele me patrola e eu fico sem reação! Se as coisas não são como ele acha que é o certo, ele fica brabo, fala alto, bate porta. E eu, fico com medo, acuada!”, revelando a intimidação exercida pelo marido (Hirigoyen, 2006). Ana completa que precisa se fazer ouvir na relação, já que o jeito que tem de buscar autonomia (viajando constantemente) incrementa o círculo vicioso que mais lhe incomoda, assinalando faces do comportamento controlador do marido (Hirigoyen, 2006) bem como a percepção de que as atitudes do marido geram tentativas de vingança que os aprisiona. Ela relata nunca ter havido violência física, “mas não precisa, o olhar dele e o gelo acabam comigo! Pode ser forte a palavra, mas é quase uma violência o que o Léo faz...”, revelando a dificuldade de reconhecimento da violência psicológica como tal (Chamberland e Laporte, 2010). Ana pontua o trabalho como a única rota de fuga que encontra. “Nesses momentos, eu quero mais é trabalhar, fazer as viagens que, na realidade, eu nem gosto. Faço as viagens das minhas colegas, porque aí, eu é que decido por mim!”.

O casal se identifica num círculo vicioso, alimentado por ambos. Quanto mais Ana tenta escapar do poder de Léo, mais ele a cerca tentando sufocá-la. Ela sente-se oprimida e investe mais no trabalho, deixando-o mais inseguro e assim sucessivamente. Dedicando-se excessivamente trabalho como uma tentativa de escape do controle do marido, Ana acaba, em alguma medida, por negar as demandas afetivas dele, reforçando sua insegurança e contribuindo para a manutenção da dinâmica da violência.

Léo, ao ouvir Ana falar em violência parece impactado com a força de seu comportamento, o que lhe deixou muito mobilizado perante às entrevistas, acionando lembranças remotas e vivências de sua família de origem. Com isso, pôde manifestar suas insatisfações, frustrações e baixa autoestima. Embora Léo demonstre sofrimento em relação às lembranças de sua família de origem, este parece ser o modelo relacional aprendido, numa tendência à repetição dos padrões vivenciados (Mendlowicz e Figueira, 2007; Paradis, Reinherz, Giaconia, Beardslee, Ward e Fitzmaurice, 2009).

O casal revela a dificuldade na negociação de divergências. Nesse sentido, Alvim e Souza (2005) apontam a dimensão da alteridade como aspecto significativo no estabelecimento da violência, já que as diferenças não negociadas se expressam quando um dos cônjuges nega a existência do parceiro em sua individualidade e tenta uniformizá-lo, impondo o seu jeito como a única possibilidade viável de existir. O controle e a intimidação exercidos por Léo deixam Ana

sem expressão, ocultando as frustrações vivenciadas em silêncio. Nesse sentido, Féres-Carneiro (2005) refere a dificuldade de expressão comunicacional, na qual as verbalizações são omitidas, corroborado pela percepção do casal acerca de seus problemas. Ambos concordam que “os problemas existem debaixo do tapete, e aí, a gente tem as encrencas que tem”.

CASAL 3 – Pietro e Julia

Pietro, 36 anos, é funcionário público e vive em união estável há 11 anos com Julia, 34, professora. Configuram uma relação intercultural, sendo ele filho de pais italianos com forte legado da cultura de origem e ela, filha de peruanos. Pietro refere ser filho de família tradicional italiana e que sua mãe sempre desejou vê-lo casado formalmente com uma mulher de mesma descendência. Julia é brasileira e é a primeira de uma prole de cinco filhos. Os pais, peruanos, chegaram ao Brasil há cerca de 30 anos na tentativa de encontrar uma vida melhor. O casal se conheceu no ambiente de trabalho e lembram das dificuldades enfrentadas no começo da relação, devido à existência da filha de Julia, fruto de um relacionamento anterior e, principalmente devido à descendência de Julia, que não era aceita pela família de Pietro.

Pietro aponta a relação na família de origem como “extremamente estressante”, com uma mãe autoritária a quem, ainda hoje, deve obediência. O pai, falecido há nove anos, era um homem “extremamente severo” e de difícil convivência. Do casamento dos pais, lembra a relação altamente conflitiva que sempre caracterizou a vida familiar. Relata nunca ter havido violência física, “mas não precisava”. O modo como seus pais lhe olhavam lhe imputava medo e deixava-o sem reação. Pietro acredita que seus pais “eram felizes”, mesmo referindo que “o pai mandava e a mãe obedecia”, indicando um padrão transgeracional de assimetria relacional (Pournaghash-Tehrani e Feizabadi, 2009; Godbout, Lussier e Sabourin, 2006; Anaconda, 2008). Cabe questionar a percepção de Pietro acerca da conjugalidade satisfatória, já que embora refira o alto nível de conflito parental, considera que os pais viveram uma relação feliz. Em sentido semelhante, Julia relata a traição do pai, aceitação da mãe e distanciamento conjugal como marcas da relação de seus pais que, embora atualmente separados, continuam vivendo na mesma casa. Após vários anos, a mãe descobriu a relação extra-conjugal que o marido mantinha desde o segundo ano de casamento. Ao ver a mãe perdoadando o pai, acredita que entendeu que “traições devem ser perdoadas”. De modo semelhante, aos dois anos de relacionamento com Pietro, descobriu uma relação extraconjugal e perdoou, expressando padrões transgeracionais acerca da infidelidade (Mendlowicz e

Figueira, 2007; Paradis, Reinherz, Giaconia, Beardslee, Ward e Fitzmaurice, 2009).

A relação de Pietro e Julia expressa intensa conflitiva, já que de forma recorrente, diante do menor sinal de conflito, Pietro manda Julia embora de casa (alegando que a casa é de sua propriedade), como forma de evitar o enfrentamento. Ele refere posterior sentimento de culpa e falta da companheira. Diante disso, telefona arrependido e lhe pede para voltar, ao que ela aceita prontamente. Costumam viver então uma lua-de-mel, sem necessariamente falarem sobre o conflito. Assim, eles mantêm o ciclo da violência proposto por Walker (1999) em que a fase de lua-de-mel precede o acúmulo tensão, eclodindo na violência. O casal reconhece que cada um, a seu modo, é capaz de acionar explosões de raiva no cônjuge, em que palavras e ofensas são proferidas, revelando a transitoriedade entre envolvimento no conflito, afastamento e submissão (Kurdek, 1994) como estilos de resolução de conflitos. Julia, ao tentar comunicar algum desagrado na relação, depara-se com a indiferença de Pietro às suas demandas afetivas (Hirigoyen, 2006). Se Pietro demonstra franco desprezo, ignorando as necessidades afetivas da esposa, ela, frustrada, revida com explosões de raiva e ofensas, caracterizando o aviltamento e a humilhação (Hirigoyen, 2006). Ao contrário, quando ela desagrada o marido, ele refere desprezá-la ou hostilizá-la. Embora Pietro não expresse verbalmente seu descontentamento, revelando a dificuldade comunicacional do casal (Costa e Santos, 2004; Guimarães, Maciel e Silva, 2007), manifesta sua frustração pelo afastamento.

Julia aponta a dificuldade de sentir-se aceita “desde sempre”, já que quando visitam a mãe de Pietro, mãe e filho conversam em italiano, reforçando nela o sentimento de exclusão. Embora Pietro perceba a inadequação do comportamento, não se sente capaz de enfrentar a mãe. A recusa a enfrentar divergências preponderam ao enfrentamento das situações conflitivas (Kurdek, 1994) desde o período de namoro, quando diante dos conflitos, cada um ia para sua casa até que as coisas “esfriavam”. Desde lá, mantém o estilo de resolução de problemas, no qual o afastamento físico tenta resolver os descontentamentos não verbalizados. Julia refere o sentimento de abandono gerado pela atitude do companheiro, pontuando que o que mais lhe faz sofrer é a dificuldade de ter seus sentimentos considerados pelo marido, indicando a humilhação e a indiferença de suas demandas afetivas (Hirigoyen, 2006).

Com relação à decisão de viverem juntos, Julia refere, com mágoa, que nunca decidiram oficialmente, julgando o marido “fraco”. Pietro relata não importar-se com o sentimento de Julia. Acredita que o casamento oficial remete à submissão, o que lhe amedronta em

decorrência de experiências prévias. Identifica-se a história de violência psicológica familiar (Crepaldi e Wendt, 2008; McGoldrick e Gerson, 2001), caracterizando a união conjugal como espécie de tentativa de reparar alguma relação não resolvida em sua família de origem. Tanto como vítima quanto como testemunha da violência psicológica parental, Pietro traz uma importante carga emocional que permeia a relação com Julia e caracteriza o medo que ele expressa de ser submisso, o que parece lhe impor o “legado do avesso” (Elkaim, 1990), em que precisa agir de modo inverso ao que vivenciou na infância. Na tentativa de “fazer tudo diferente”, acaba repetindo o padrão que lhe é familiar.

A violência psicológica se expressa em padrões transgeracionais que se perpetuam na relação dos dois. Se Pietro traz a vivência das agressões verbais, Julia contribui para uma dinâmica conjugal marcada pelo distanciamento. Julia refere saber que a facilidade com que vai e volta é um legado de sua família de origem, reforçando o padrão transgeracional de rupturas familiares (Ansen e Tomson, 1997). Julia não se importa com as demandas afetivas do marido, que agride e a manda embora, fazendo com que Julia se afaste. Pietro se arrepende, Julia perdoa. Assim, mantém-se um clima de diálogo frágil, marcado pelo individualismo, pela não observância às demandas afetivas do outro e pela dificuldade empática. A dificuldade de negociação se expressou na entrevista para resolução de dilemas, revelando a fragilidade relacional do casal. Embora juntos há 11 anos ainda enfrentam a transição para a conjugalidade, funcionando predominantemente de modo individual, o que ratifica o sentimento de não pertencimento.

As entrevistas destacaram os conflitos existentes em virtude da dificuldade empática de ambos (Alvim e Souza, 2005b) assim como as duplas mensagens reveladas no espaço conjugal. Ainda que tenha perdoado a traição de Pietro (“porque as mulheres perdoam”), Julia desconfia dele. Pietro, de modo semelhante, também desconfia dela. Contudo, refere seu comportamento de silêncio e observação. Mais tarde, provavelmente, “mandasse ela embora!” reforçando a única saída que lhe faz sentir seguro e poderoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência conjugal é de etiologia multifatorial e exige observação ampliada na tentativa de abarcar os variados aspectos que contempla. Considerar os membros do casal partícipes da teia que tece a dinâmica da violência envolve a possibilidade de compreendê-los como potenciais transformadores de uma realidade interacional disfuncional. Nessa perspectiva, a violência

psicológica subverte a supressão das verbalizações. Watzlawick, Beavin e Jackson (2007), apontam a impossibilidade da “não comunicação”, já que as insatisfações vivenciadas na conjugalidade, mesmo silenciadas, se manifestam através de comportamentos expressos ou velados, mas buscando expressar alguma carga emocional.

Os casais participantes deste estudo revelaram aspectos convergentes em relação à dificuldade de expressão emocional e à história familiar de violência. Estiveram envolvidos em contextos de violência familiar na infância e, ainda que as expressões da violência conjugal parental tenham assumido diferentes formas de expressão, a vivência da violência apresentou-se naturalizada para estas pessoas, revelando-se uma realidade familiar tanto de sofrimento quanto de referência.

Ao considerar as divergências encontradas, destaca-se a presença do alcoolismo no primeiro caso, constituindo fator preditor de violência psicológica. Com isso, as experiências daí decorrentes, configuram-se em um terreno fértil para o aparecimento de comportamento acusatório e de agressão no espaço conjugal. A dependência química de César se mostra como uma moeda de troca entre o casal, dando poder à Rosa que a utiliza para o exercício do aviltamento e da humilhação, sendo também aviltada, humilhada e abandonada pelo marido. Com relação ao caso de Léo e Ana, a depressão de Ana parece colocar-lhe num lugar de submissão, fertilizando o terreno para eclosão da violência psicológica. A assimetria rígida entre os cônjuges coloca um como forte, que exerce o controle, e o outro como frágil, doente e dependente. Léo promove o isolamento de Ana em relação a amigos e familiares e ela, sentindo-se frágil, parece confundir proteção com controle. O terceiro casal refere a presença de papéis familiares rígidos, o que contribui para a perpetuação do padrão transgeracional de violência conjugal. Destaca-se o ciclo de violência, proposto por Walker (1999), que inicia com o acúmulo de tensões, posterior episódio agudo de violência e reconciliação, em que se perdoam e acreditam que irão conseguir se acertar em definitivo.

Os casais revelaram uma dinâmica conjugal marcada por disfuncionalidades comuns, como importante dificuldade comunicacional e de expressão emocional, conjugalidade frágil e rigidez no desempenho dos papéis conjugais, demonstrando a necessidade de compreendê-los para além do sintoma da violência, sendo esse a ponta do iceberg de um contexto mais amplo que merece ser observado, compreendido e tratado. A significativa dificuldade de expressão emocional configura um espaço conjugal hostil que não promove intimidade e comunicação. Os silêncios quanto às insatisfações

parecem uma regra, só quebrada com gestos, palavras ou expressões veladas que não deixam marcas no corpo, mas que imprimem sofrimento a ponto de ferir a autoestima e a capacidade de reconhecimento do próprio potencial.

Considerar o casal como uma unidade que “trabalha junto” na construção do sintoma da violência e na sua perpetuação é considerar a possibilidade de transformação da dinâmica estabelecida. Se ambos contribuem, de algum modo, para o estabelecimento da violência, a possibilidade de transformação desta realidade envolve os dois, potencializando as possibilidades existentes no que tange à conjugalidade e o surgimento de novas possibilidades relacionais, mais saudáveis e equilibradas. Considerando que de contextos conjugais disfuncionais podem emergir sintomas de violência, cabe ao psicólogo/psicoterapeuta associar suas características de clínico e pesquisador problematizando a clínica com casais ao buscar dados que possam apontar para possível eclosão de expressões violentas. Diante disso, é possível reorganizar a dinâmica conjugal vigente, a fim de prevenir e tratar contextos de violência. Assim, mais do que agressores e vítimas, os cônjuges se responsabilizam em alguma medida pela manutenção do aspecto gerador de sofrimento. Se ambos são considerados co-autores da dinâmica ora existente, podem, igualmente, tornarem-se responsáveis pela mudança, tão difícil quanto necessária, a ser impressa em novas possibilidades relacionais.

REFERÊNCIAS

- Alvim, S.A. & Souza, L. (2005a). *Homens, mulheres e violência*. Rio de Janeiro: Noos. 143 p.
- Alvim, S.A.; Souza, L. (2005b). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(2), 171-206.
- Anaconda, C.A.R. (2008). Prevalencia, factores de riesgo y problemáticas asociadas con la violencia en el noviazgo: una revisión de la literatura. *Avances en Psicología Latinoamericana*, Bogotá, 26(2), 227-241.
- Ansen, K.E. & Tomson, P. (1997). La familia dentro de nosotros: genogramas. In: K.E. Asen & P. Tomson (Eds.). *Intervencions familiar – guía práctica para los profesionales de la salud*. Barcelona, España: Paidós.
- Chamberland, C. & Laporte, L. (2010). Spontaneous and reflexive cognitions related to spousal abuse: The role of experiences of violence. *Journal of Applied Social Psychology*, 40(9), 2170-2200.
- Costa, L.F., Santos, L.V. (2004). Avaliação da dinâmica conjugal violenta e suas repercussões sobre os filhos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), 59-72.
- Crepaldi, M.A., Wendt, N.C. (2008). A Utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302-310.
- Dantas-Berger, S.M., Giffin, K. (2005). A violência nas relações de conjugalidade: Invisibilidade e banalização da violência sexual? *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2), 417-425.

- Day, V.P., Telles, L.E.B., Zorato, P.H.; Azambuja, M.R.F., Machado, D.A. & Silveira, M.B. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(25), 9-21.
- Elkaim, M. (1990). *Se você me ama, não me ame: abordagem sistêmica em psicoterapia familiar e conjugal*. Campinas: Papirus.
- Falcke, D., Oliveira, D.Z., Rosa, L.W. & Bentancur, M. (2009). Violência conjugal: um fenômeno interacional. *Contextos Clínicos*, 2(2), 81-90.
- Falcke, D., Wagner, A. & Mosmann, C.P. (2005). Passando a história a limpo: o impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. In: *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Féres-Carneiro, T. (2005). *Entrevista familiar estruturada (EFE): um método clínico de avaliação das relações familiares*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Godbout, N, Lussier, Y. & Sabourin, S. (2006). Early abuse experiences and subsequent gender differences in couple adjustment violence and victims. *Violence and Victims*, 21(6), 744-760.
- Guimarães, F., Maciel, S. A. B. & Silva, E. C. (2007). Mas ele diz que me ama: cegueira relacional e violência conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(4), 481-482.
- Hasselmann, M.H., Moraes, C.L. & Reichenheim, M.E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised conflict tactics scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais. *Cad. Saúde Pública*, 18(1), 163-176.
- Hirigoyen, M.F. (2006). *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Kurdek, L.A. (1994). Conflict resolution styles in gay, lesbian, heterosexual nonparent, and heterosexual parent couples. *Journal of Marriage and the Family*, 56, 705-722.
- Lamoglia, C.V.A., Minayo, M.C.S. (2009). Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 595-604.
- Lira, L.R. & Méndez, M.T.S. (2008) ¿Violencia episódica o terrorismo íntimo? Una propuesta exploratoria para clasificar la violencia contra la mujer en las relaciones de pareja. *Salud Mental*, 31(6), 469-478.
- Martínez, V.T.P. & Marín, Y.H. (2009). La violencia psicológica de género, una forma encubierta de agresión. *Revista Cubana de Medicina General Integral*, 25(2).
- Mendlowicz, M., Figueira, I. (2007). Transmissão intergeracional da violência familiar: o papel do estresse pós-traumático. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29(1), 88-89.
- McGoldrick, M. & Gerson, R. (2001). Genetogramas e o ciclo de vida familiar. In: B. Carter & M. McGoldrick, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar – uma estrutura para a terapia familiar*. (2ª ed). Porto Alegre: Artmed.
- Miranda, M.P.M., Paula, C.S., Bordin, I.A. (2010). Violência conjugal física contra a mulher na vida: prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 27(4), 300-308.
- Moraes, C.L, Hasselmann, M.H. & Reichenheim M.E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised conflict tactics scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais. *Cad. de Saúde Pública*, 18(1), 163-176.
- Ortega-Ceballos, P.A., Mudgal, J., Flores, Y., Rivera-Rivera L, Diaz-Montiel, J.C. & Salmerón, J. (2007). Determinantes de violencia de pareja en trabajadoras del IMSS Morelos. *Salud Pública de México*, 49(5), 357-366.
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudos de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, Portugal, 36, 75-107.
- Panuzio, J. & DiLillo, D. (2010). Physical, psychological, and sexual intimate partner aggression among newlywed couples: longitudinal prediction of marital satisfaction. *Journal of Family Violence*, 25(7), 689-699.
- Paradis, A.D., Reinherz, H.Z., Giaconia, R.M., Beardslee, W.R., Ward, K., Fitzmaurice, G.M. (2009). Long-term impact of family arguments and physical violence on adult functioning at age 30 years: findings from the simmons longitudinal study. *Journal of American Academic Child and Adolescence Psychiatry*, 48(3), 290-298.
- Pournaghash-Tehrani, S. & Feizabadi, Z. (2009). Predictability of physical and psychological violence by early adverse childhood experiences. *Journal of Family Violence*, 24(6), 417-422.
- Rosa, A.G., Boing, A.F., Büchele, F., Oliveira, W.F. & Coelho, E.B.S. (2008). A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência. *Saúde Soc. São Paulo*, 17 (3), 152-160.
- Tichy, L.L., Becker, J.V. & Sisco, M.M. (2009). The downside of patriarchal benevolence: ambivalence in addressing domestic violence and socio-economic considerations for women of Tamil Nadu, India. *Journal of Family Violence*, 24(8), 547-558.
- Trindade, Z.A. (2005). Apresentação. In: Alvim, S.A., Souza, L. *Homens, mulheres e violência*. Rio de Janeiro: Noos. 143p.
- Trindade, R.F.C., Almeida, A.M. & Rozendo, C.A., (2008). Infidelidade masculina e violência doméstica: vivência de um grupo de mulheres. *Ciência y Enfermería*, 14(2), 39-46.
- Vieira, E.M., Perdoná, G.S.C., Santos, M.A. (2011). Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. *Revista de Saúde Pública*, 45(4), 730-737.
- Walker, L. (1999). *The battered woman syndrome*. New York. Harper and Row. 338p.
- Walsh, Froma. (2005). *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Roca. 314p.
- Watzlawick, Paul; Beavin, Janet Helmick; Jackson, Don. (2007). *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Recebido em: 22.04.2012. Aceito em: 08.04.2013.

Autores

Patrícia Manozzo Colossi – Psicóloga, Mestre e doutoranda em Psicologia Clínica, Terapeuta de Casais e Famílias, Professora do Curso de Especialização em Terapia de Casal e Família – Unisinos, e Professora das Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT.

Denise Falcke – Psicóloga, Doutora em Psicologia, Coordenadora e Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Professora do Curso de Especialização em Terapia de Casal e Família – Unisinos, e Coordenadora Adjunta da Graduação em Psicologia – Unisinos.

Enviar correspondência para:

Patrícia Manozzo Colossi
Av. General Barreto Viana, 1175/1106 – Chácara das Pedras
CEP 91330.630, Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: pmcolossi@gmail.com